

PROFISSIONAIS DO SEXO: A DESCRIÇÃO DOS FATORES INCENTIVADORES QUE NORTEIAM A ESCOLHA DA PROSTITUIÇÃO COMO FONTE DE RENDA

ZASSO, Izabele¹

Cláudia de Souza BARDELLI²

Pamela Claudia Rossi VAZ²

izabelezasso19@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar os principais fatores incentivadores que instigaram mulheres a escolha da prostituição como fonte de renda. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, e para a realização desta optou-se pelo método de análise de conteúdo, que consiste em descrever e interpretar parte de uma série de suposições entendendo seu sentido simbólico. A presente pesquisa foi realizada no estado de Santa Catarina, onde obteve-se uma amostra total de três participantes. Para chegar ao número de três entrevistas, foram encontradas muitas dificuldades, sendo que a proposta inicial era de entrevistar seis profissionais do sexo. Através da análise dos resultados verificou-se que o contexto familiar pode ser considerado um fator de influência na escolha da prostituição como profissão. Sendo assim, concluiu-se que podem ser considerados fatores incentivadores o contexto familiar compreendendo a relação com a figura paterna e também o dinheiro que esta profissão proporciona as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: prostituição, trabalho, mulheres, profissionais do sexo.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar possíveis fatores que podem ter motivado mulheres a recorrer à prostituição como forma de trabalho e consequentemente de renda. Segundo Guimarães (2007) a prostituição é considerada uma das profissões mais antigas da humanidade, porém, as mulheres que escolhem exercer a prostituição acabam na maioria das vezes sendo vistas e julgadas por aquilo que fazem: a comercialização do sexo.

Diante disso, faz-se necessário um olhar e uma escuta mais acolhedora sobre os possíveis fatores que motivaram na escolha dessa ocupação. Esta pesquisa buscou verificar se o contexto social, compreendendo família, amigos e condições socioeconômicas podem ter sido um fator de influência no trabalho com o sexo.

¹ Orientadora, Psicóloga, mestre em Direitos Humanos, docente do curso de Psicologia no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: izabelezasso19@gmail.com

² Acadêmicas do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mails: claudiasouzabardelli@gmail.com, pamelacrossi@gmail.com

Portanto, este artigo apresentará uma análise do que pode ter influenciado tais mulheres a optarem pela prostituição como profissão, nos ajudando assim a despir-nos de todo preconceito que paira sobre esta profissão e sobre quem as pratica.

Com pouco referencial teórico nesta área, este estudo pode contribuir na construção do conhecimento acadêmico de diversas áreas do saber, podendo servir para estudos posteriores e também, tem o intuito de contribuir para que a sociedade tenha um olhar menos preconceituoso em relação às mulheres que praticam a prostituição como profissão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. SEXUALIDADE

O termo *prostituta* pode ser entendido como a mulher que pratica a prostituição, ou seja, aquela que faz a prática da comercialização do sexo. Segundo Guimarães (2007) a prostituição é considerada uma das profissões mais antigas da humanidade, tal ocupação já foi vista de várias formas com o passar dos tempos. Assim, para uma maior compreensão sobre o que é a prostituição, se faz necessário um breve apanhado sobre a história da sexualidade.

Segundo Hawkes (1999, *apud* GUIMARÃES, 2007) na antiguidade grega, não existia um conceito sobre o que era a sexualidade, sabe-se que de um lado havia o reino dos prazeres; que estavam relacionados aos prazeres sensuais ou físicos como; comer, beber, dormir, e o reino dos *Eros* ou reino dos amores, este estava relacionado ao controle dos desejos que regulavam as condutas das pessoas, estavam ligados à ética, ao controle sobre si mesmo e a moderação. A sexualidade na Grécia Antiga estava ligada a uma relação de homens mais velhos com mais jovens. Nesta sociedade, essa relação não possuía o sentido de homossexualidade, pelo contrário, essas relações evoluíam para grandes amizades e aprendizados, mantendo-se assim, uma relação entre mestre e aprendiz.

Na Roma antiga, as mulheres eram vistas como imperfeitas ou incompletas comparadas aos homens, logo eram vistas como um corpo masculino que não se desenvolveu da forma “correta”, assim, as mulheres eram notadas como mais propensas aos desejos carnavais, fracas de espírito, e detentoras de comportamentos levianos. Nestes tempos, o

feminino estava ligado ao casamento e ao ato de procriar, assim a mulher acaba por exercer a maternidade (GUIMARÃES, 2007).

A partir de uma visão implantada na sociedade, a sexualidade da mulher ficou tida como apenas para reprodução, silenciando assim o prazer feminino e proibindo a prática da sexualidade fora do casamento. Segundo a autora Del Priore (2013) partia-se do princípio que o instinto materno suprimia o instinto sexual, assim, a mulher que sentisse desejo ou prazer sexual seria considerada anormal.

Segundo Birman (1999) a característica da sedução feminina foi restritiva, pois a figura da mulher foi concebida em torno do ideal da maternidade. Assim, ser mãe e ser mulher eram considerados papéis diferentes, pois a figura da mulher seria o oposto da figura materna. No século XVIII, para que a mulher se tornasse mãe, perderia os atributos da feminilidade, considerada como um atributo negativo com a figura da mãe, a sensualidade feminina teria que ser corrigida e disciplinada, para que a mulher aumentasse sua condição materna.

Sobre a mulher, Del Priore (2013) nos traz que a mulher que sentisse desejo por outros homens que não fosse o marido, era também apontado pelos médicos como manifestação histérica, sendo indicado para esses casos como tratamento banhos frios, exercícios e passeios a pé. Em casos graves, sugeria a amputação do clitóris ou a cauterização da uretra, sendo isso visto como uma forma de disciplinar a mulher.

As autoras Villela e Arilha (2003, *apud* GUIMARÃES, 2007), apontam que no século XIX, as mulheres viviam uma subordinação do sexo à reprodução e que também foi apoiada por um processo de medicalização. Assim buscou-se controlar a reprodução a partir de uma intervenção na mulher. No século XX a medicina começou a ter um olhar voltado para questões públicas e sociais, pela grande necessidade de se controlar doenças e a “superpopulação” nas cidades.

Com a chegada da pílula anticoncepcional em 1960, ocorre uma separação entre o ato sexual e a procriação, e a partir deste acontecimento a mulher começa a ganhar certa liberdade sobre seu corpo, podendo escolher evitar uma gravidez indesejada e também começa a conquista de maior igualdade em relação aos homens (GUIMARÃES, 2007).

Segundo Bock; Furtado e Teixeira (2001) a escolha do parceiro sexual não é feita de maneira instintiva, como em algumas espécies, porém, tem o item racional, que avalia a escolha. A escolha sexual é feita mais pelo prazer que ela pode oferecer individualmente do

que pela necessidade de reprodução da espécie, podemos assim dizer que, o prazer se torna fundamental para a sexualidade humana.

A busca do prazer é o meio que se tem para dar saída ao forte impulso sexual que é chamado de libido. O processo de maturação da libido tem início desde os primeiros contatos da criança com o mundo, que se completará na puberdade. A criança desenvolverá aos poucos sua sexualidade, assim como precisa engatinhar ou ficar em pé antes de andar, antes de ver o outro como objeto erótico, ela precisa aprender o que é prazer (BOCK; FURTADO e TEIXEIRA, 2001).

Entende-se por zona erógena uma parte da pele ou da mucosa, que dependendo da estimulação provocam uma sensação prazerosa, as áreas erógenas ligam-se a determinadas partes do corpo, sendo assim mais marcantes. Mais importante que a natureza das partes do corpo, é a qualidade do estímulo, que tem a ver com a produção das sensações de prazer (FREUD, 1996).

Sexo e sexualidade são palavras distintas e que precisam ser compreendidas cada uma de sua forma. Para Hawkes (1999, *apud* GUIMARÃES, 2007) o sexo está apoiado em fatores físicos, biológicos e fisiológicos como; pênis, vagina, útero e pode-se também fazer referência ao ato sexual.

Segundo Foucault (1998, p.9) a palavra sexualidade surge no século XIX, assim seu uso:

[...] é estabelecido em relação a outros fenômenos, como o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos; a instauração de um conjunto de regras e de normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, como, desejos, prazeres, sentimento, sensações e sonhos.

No termo sexualidade está inserido o social, Hawkes (1999, p.8, *apud* GUIMARÃES, 2007, p. 26) afirma que “a sexualidade refere-se a uma identidade escolhida ou designada, definida pelo psicológico, não pelo físico”.

Segundo Villela e Arilha (2003, *apud* GUIMARÃES, 2007) a sexualidade está relacionada a um conjunto de ideias e fantasias que cada indivíduo constrói sobre si, que leva a uma satisfação e está relacionado a cultura.

Freud em seus estudos trouxe uma concepção de sexualidade ampliada sobre a que até então predominava até o final do século XIX, onde a normalidade sexual era definida pela consumação do ato sexual e pela sexualidade adulta, que tinha por objetivo a reprodução. A

vida sexual infantil é considerada pelo autor citado acima, auto erótica, ou seja, seu objeto encontra-se em seu próprio corpo, e suas pulsões são inteiramente desvinculadas e independentes entre si para obtenção de prazer. Assim Freud complementa (1996, p.186):

O desfecho do desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção de prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formam uma organização sólida para a consecução do alvo sexual num objeto sexual alheio.

Durante seus estudos Freud apresentou as fases psicosssexuais, as quais demonstrou que o desenvolvimento do homem se dá pelos seguintes estágios: oral, anal, fálica, latência e genital. Assim Freud acreditava que as crianças passavam por estas fases durante suas vidas. (FREUD, 1996).

As fases anteriores a genital (oral, anal, fálica, latência) são consideradas narcísicas, pois os indivíduos podem obter a satisfação através da estimulação do próprio corpo. No período da adolescência o narcisismo vai ficando para trás pois o adolescente começa a amar outras pessoas, neste período são manifestadas as primeiras atrações sexuais. A socialização do indivíduo também se torna maior, o interesse profissional começa a ganhar espaço, surgindo também o interesse pela constituição de uma família e do casamento, sendo assim, o “principal exercício do estágio genital é a reprodução”. (FARIAS et al, 2015, p.12)

A partir da idade moderna, Foucault (1998) apresenta que a primeira forma de controlar a população foi através da igreja, com o ato da confissão, o falar sobre sexo era estimulado e autorizado. Assim, acreditava-se que através das palavras o ato sexual acabaria por não acontecer.

Pautado na ciência, o discurso médico começa a construir o “ideal de sexualidade” com uma forte ligação com a moral, que passa a diferenciar o que é de ordem pecaminosa, patológica, da transgressão e do que seria normal relacionado à sexualidade. O falar sobre sexo, antes para a igreja através de confissões e depois para médicos, acaba por se tornar natural para a sociedade ocidental, tornando-se algo natural e próprio de cada sujeito (GUIMARÃES, 2007).

A partir de referências em Guimarães (2007, p.28) o mesmo nos apresenta que:

[...] a sexualidade humana não deve ser concebida como um dado da natureza que o poder tenta reprimir; deve ser encarada como produto do encadeamento da estimulação dos corpos; da intensificação dos prazeres; da incitação ao discurso; da formação dos conhecimentos e do reforço dos controles e das resistências.

Cada sujeito vai construindo sua sexualidade ao longo de sua vida, de forma que venha a alcançar seus desejos e satisfações sexuais (MÉIA & RIVA, 2015).

2.2. TRABALHO E PROSTITUIÇÃO

Nas sociedades antigas o trabalho era visto como descrédito, ou seja, o trabalho era sujo e designado para os escravos. Segundo Kamper (1998), o trabalho traz liberdade e está presente no amor, no lazer e em todas as esferas da vida humana. A concepção de trabalho passou por algumas mudanças, sendo visto como maldição e, aos poucos, foi assumindo outro rosto, transformando o trabalho como um talento, trazendo um novo significado sobre o que é trabalho.

Segundo Marx (1968, *apud* CARDOSO, 1985, p. 6) a noção de trabalho é:

[...] atividade racional orientada a produção de valores-de-uso, à incorporação das matérias naturais ao serviço das necessidades humanas; é condição geral da troca de materiais entre a natureza e o homem; é condição eterna da vida humana e, portanto, independente das formas e modalidades desta vida é comum a todas as formas sociais igualmente.

Para Cardoso (1985), o processo de trabalho se resume em três fatores básicos: o primeiro é próprio trabalho, que é onde uma atividade é adequada a um fim, esta atividade é realizada sobre algo, sendo assim o objeto de trabalho. O segundo, o objeto de trabalho, é a natureza que estabelece o objetivo geral do trabalho humano, podendo ser: águas, terras, minerais, seres vivos entre outros. E por último, o meio de trabalho, que é um objeto ou conjunto de objetos que o trabalhador alterna entre si e o objeto que trabalha, lhe servindo de orientação para sua atividade sobre determinado objeto.

A consequência do processo de trabalho é o produto (valor de uso), definido por Marx como uma “matéria disposta pela natureza e adaptada às necessidades humanas mediante uma alteração de forma” (1973-1974, *apud* CARDOSO, 1985, p. 7).

Para Marx (1867, p.158) a mercadoria é considerada um objeto externo que através de suas propriedades atende as necessidades humanas de qualquer tipo. Se essas necessidades se originam do “estômago” ou da “imaginação”, isso não altera em nada a questão. A serventia de algo faz com que tenha um valor de uso. Assim, “o próprio corpo da mercadoria, como ferro, trigo, diamante etc., é um valor de uso ou um bem” (MARX, 1867, p. 157).

Na importância do valor de uso sempre haverá uma hipótese determinante quantitativa, como por exemplo: “uma dúzia de relógios, 1 braça de linho, 1 tonelada de ferro”. Para Marx, “o valor de uso se efetiva apenas no uso ou no consumo” (MARX, 1867, p. 158).

Sendo assim, falando um pouco da prostituição como trabalho, a prostituição é reconhecida desde 2002 pelo Ministério do Trabalho como uma ocupação e consentida para pessoas maiores de 18 anos. As profissionais do sexo não podem ter carteira assinada, mas podem recolher contribuições previdenciárias garantindo seus direitos comuns como aposentadoria e auxílio doença (CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES, 2002).

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002) é um documento que reconhece, nomeia e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho em território brasileiro. Diante disso, as profissionais do sexo tem como descrição primária, pessoas que buscam programas sexuais, atendem e acompanham clientes e participam de ações educativas no campo da sexualidade, estas profissionais podem trabalhar por conta própria, em locais diversos e com horários irregulares. Esta classificação também apresenta que no exercício de algumas das atividades descritas, quem a pratica pode estar exposta a intempéries e discriminação social, havendo ainda riscos de contágios de DSTs, e maus-tratos.

Mesmo sendo reconhecida pelo Ministério do Trabalho como profissão, a prostituta ainda é vista como uma mulher que apresenta comportamento desviante, em função de não usar sua sexualidade apenas para a reprodução ou satisfação pessoal. É a partir da prática dessa atividade da prostituição que muitas mulheres definem seus modos de ser, de se identificar e de se inserir numa realidade social (ALVES, 2010).

Birman (1999) expõe que “a prostituição seria a materialização da inexistência de qualquer decência na mulher, a indecência feito carne indicando, pois, a decadência feminina por excelência, à medida que a maternidade estaria ausente de seu horizonte existencial” (p.87-88).

Holanda (1986) refere-se à prostituição como: “ato ou efeito de prostituir-se; comércio habitual ou profissional do amor sexual; o conjunto das prostitutas e a vida das prostitutas” (*apud* GUIMARÃES, 2007, p.31).

Para Biderman (1992) encontram-se prostitutas como sendo “mulher que tem relações sexuais para ganhar dinheiro”. Para o mesmo autor o termo prostituir é definido como:

“entregar-se ao uso do sexo para obter dinheiro ou vantagens; desonrar-se, corromper-se” (apud GUIMARÃES, 2007, p.33).

Desta forma, o romantismo tornou a prostituta essencial, visto que, para um bom desempenho do sistema masculino acreditava-se que o adultério era fundamental, pois as mulheres (esposas) cuidavam da casa e iam à igreja, e os homens além de beber e fumar, se divertiam com as prostitutas. Este era um período em que se exigia a vida conjugal e se promovia o bordel (DEL PRIORE, 2013).

Para Birmam (1999) ao longo do século XIX, a mulher que fosse considerada com o atributo da sedução e do erotismo passava a ser considerada como um perigo sobre o trabalho da prostituição.

Compreendido um pouco sobre o que é trabalho, por que a prostituição feminina já foi e ainda é considerada como fonte de renda para determinadas mulheres? Segundo Calligaris (2006) uma explicação mais conhecida é de que os homens possuem uma necessidade física de sexo, assim algumas mulheres, decidiram oferecer suprir essa necessidade em troca do pagamento. Segundo a autora, esta “relação comercial fica bem estabelecida: um necessita e o outro vende” (p.29).

Um estudo realizado por Alves (2010) apresenta que em Cascavel - Paraná caiu sobre a prostituta a ideia de mulher portadora e transmissora de uma sexualidade doente. Pois a prostituição foi tida como um perigo que se espalharia pela cidade, contaminando corpos e causando destruição, principalmente em relação a AIDS e Sífilis. Essas profissionais foram taxadas como as maiores responsáveis pela propagação dessas doenças, sendo pensado inclusive na eliminação das mulheres prostitutas. Foram também consideradas “marginalizadas” e responsáveis por muitos males que atormentavam a população, sendo que estes males nem sempre tinham a ver com a prostituição.

3. METODOLOGIA

A partir da aprovação na Plataforma Brasil e do Comitê de ética, os trabalhos se iniciaram com a organização dos materiais necessários, tais como impressões das entrevistas semiestruturadas e os termos de Consentimento Livre e Esclarecido. A presente pesquisa se propôs a entrevistar seis (06) profissionais do sexo utilizando a técnica de *snowball*, esta técnica é utilizada para pesquisas sociais, onde o primeiro participante indica um novo

participante e assim sucessivamente até atingir a amostra necessária (BALDIN & MUNHOZ, 2011). O ponto de saturação da pesquisa ocorreu quando não se tornou possível selecionar mais participantes através da técnica de *snowball*.

As participantes deveriam ter o mínimo de um ano de atuação como profissional do sexo, com idade acima de 18 anos e que trabalhasse em “Casas de Show”. Como instrumento para a coleta de dados optou-se pela entrevista semiestruturada acompanhado da gravação (áudio) de cada entrevistada. O roteiro das entrevistas semiestruturadas contemplavam questões da infância, adolescência e vida adulta, tempo de atuação como profissional do sexo, como é a relação com a família, motivos que as fizeram optar pela prostituição como profissão dentre outras.

Com esse intuito, iniciamos a busca pelas mulheres que seriam entrevistadas, e foi neste ponto que encontramos a primeira dificuldade: o contato com a primeira casa noturna. Em primeiro contato por ligação telefônica, a proprietária mostrou-se interessada em contribuir com a pesquisa, mas, posteriormente, no segundo contato para agendamento da primeira entrevista, já não conseguimos um retorno; a proprietária não atendia as ligações e quando atendia sempre dava uma desculpa e acabava postergando a data para a primeira coleta de dados. Tendo em vista as dificuldades encontradas, optou-se por realizar as entrevistas no estado de Santa Catarina. A partir deste ponto, foi possível fazer a entrevista com três mulheres. Para tal conquista foi necessário visitar três casas noturnas em horário de funcionamento (noturno).

Tabela: Caracterização das participantes entrevistadas em Santa Catarina.

PARTICIPANTES	IDADE	TEMPO DE ATUAÇÃO
A	23	1 ano e 2 meses
K	25	5 anos
D	24	2 anos

Fonte: autoras

Assim sendo, as entrevistas foram analisadas a partir da análise do conteúdo presentes na narrativa de cada participante. Portanto serão divididas nas seguintes categorias: (1) relação do contexto social com a atual profissão, (2) vivência sexual e a (3) percepção entre sexo e trabalho.

4. ANÁLISE E DISCUSSÕES

4.1 RELAÇÃO DO CONTEXTO SOCIAL COM A ATUAL PROFISSÃO

Nesta categoria, com base na entrevista semiestruturada, foi solicitado para que cada participante relatasse um pouco sobre seu histórico de vida envolvendo aspectos da infância, adolescência e vida adulta, para verificar se o contexto social poderia ter sido um influenciador na escolha da atual profissão. Vale ressaltar que neste aspecto tivemos uma participante que não respondeu às perguntas elaboradas para obtenção de tal dado, portanto serão analisadas as duas falas das participantes que responderam às perguntas de forma clara. Diante disso, obteve-se as seguintes respostas:

Participante “K” - 25 anos:

Eu vou fazer um resumo, porque minha vida é bem...minha infância eu não lembro, não lembro porque foi muito trauma, meus pais se separaram eu tinha três anos, então foi um trauma que bloqueou e eu não lembro da minha infância, aí com dez, doze anos eu comecei usar drogas, fui usuária de drogas, graças a Deus hoje eu não uso mais [...]. (5 anos de atuação).

K. segue seu relato dizendo: “Na verdade ninguém, porque eu não gosto de culpar ninguém, foi a minha cabeça mesmo, eu decidi, fui conheci, gostei, e fiquei”.

Participante “A” - 23 anos revela sobre sua história familiar:

[...] Meus pais são separados já faz quatro anos. Meu pai ele não liga muito pra gente sabe, minha mãe sempre foi pai e mãe. Minha mãe trabalha em dois serviços, trabalha de manhã em um, a tarde em outro e estuda a noite. Então ela não tem condições de cuidar do meu irmão, de dar atenção pra ele [...] O meu pai sempre foi bem frio, ele não sabe que eu trabalho em boate, ele sempre foi frio, não é aquele pai presente, e ele vem na minha casa e ele é uma visita, tipo assim, ele não pede nada pra mim, eu nunca pedi nada pra ele também [...]. (1 ano e 2 meses de atuação).

Estudos realizados sobre a prostituição feminina associam-na como efeitos de um pós trauma da violência que o sujeito sofreu e da pobreza, e ainda tem quem as pratica buscando satisfação material, seja para satisfazer desejos pessoais ou como uma forma de auxiliar no sustento da família, podendo servir para também satisfazer vícios em drogas consideradas ilícitas (SIMMONS, 2000 *apud* MOLINA, KODATO, 2005).

Verificou-se na entrevista com a participante “K” o uso de drogas, porém, este acontecimento foi na adolescência, fase em que ela ainda não atuava como profissional do sexo, portanto não podendo relacioná-lo como um possível fator motivador na atual profissão em dias atuais. “K” trouxe em sua fala um grande trauma que sofreu ainda na infância que acarretou no bloqueio de sua memória, demonstrando vulnerabilidade de vínculos familiares e que possivelmente de forma inconsciente pode ter levado a participante “K” a optar pela prostituição como profissão.

O autor Mastroianni (2013) expõe que ao longo do nosso processo de desenvolvimento a família tem um papel importante nesta construção, porém, alguns papéis e funções também podem alterar-se exigindo que a família se adapte a novas condições. O mesmo autor cita que o divórcio é visto como uma situação em que a família precisa enfrentar novos ajustes, podendo eles ocorrer de forma dramática para a criança, acarretando em prejuízos caso não seja feita uma intervenção adequada. Pelo discurso de “K” nota-se que possivelmente no processo de separação conjugal dos pais não houve uma intervenção adequada sobre a situação que estava acontecendo, pois o processo de separação ocasionou o bloqueio de suas memórias de infância.

A participante “A” também relatou na entrevista o processo de separação dos pais, e também a frieza do mesmo em relação a ela e ao irmão. Sendo assim foi possível verificar a “ausência” - aqui pode-se entender por ausência não só física, mas afetiva, emocional - da figura paterna em ambas as histórias.

Por um lado, a participante “A” mantém boa relação com a mãe, pois pôde contar a ela sobre sua atual profissão: *“a única que sabe é minha mãe”* e complementa com a seguinte fala: *“E eu pedi pra ela o que ela achava, e ela falou: olha A. você é de maior, você sabe as tuas necessidades, só se cuide porque é uma vida muito perigosa”*. Notou-se que esta participante teve o apoio de sua mãe para auxiliá-la em um processo difícil que enfrentava, a separação do marido e a escolha da atual profissão, evidenciando uma relação de cumplicidade entre mãe e filha. Já a participante “K” atua no anonimato em relação aos seus filhos, somente seu ex-marido sabe de sua profissão, e assim a proíbe de ver seus filhos. Muitas mulheres preferem manter esta condição.

Em nossas tentativas de contato por telefone, uma das barreiras que enfrentamos foi exatamente essa: o anonimato, elas não queriam realizar a entrevista pessoalmente, uma delas chegou a relatar que não participaria da pesquisa porque era noiva, e o noivo não sabia de sua

atual profissão, por mais que fosse explicado sobre todo o sigilo da pesquisa, obtivemos muita resistência nesse aspecto.

Diante dos dados coletados, verificou-se na fala das participantes que o contexto social e familiar pode ser considerado um fator motivador sobre a escolha da prostituição como profissão, apesar de deixarem claro que iniciaram a comercialização do sexo por escolha própria e por outros motivadores que não a família, pode-se evidenciar que as duas participantes vivenciaram/vivenciam uma vulnerabilidade da figura paterna. A participante “K” vivenciou a ausência física, emocional e afetiva do pai, já a participante “A” vivenciou a ausência emocional e afetiva do pai, ele era presente até seus 19 anos, porém, era frio e indiferente em relação aos filhos. Acredita-se que essas vivências “frustradas” em relação à figura paterna podem ter influenciado em casamentos fracassados.

4.2. VIVÊNCIA SEXUAL

Na presente categoria, as participantes responderam a questões que contemplavam aspectos de sua sexualidade. As autoras Méia e Riva (2015) apresentam que cada sujeito vai construir sua sexualidade ao longo de sua vida, de forma que venha alcançar seus desejos e satisfações sexuais. Assim entendemos ser importante averiguar o olhar de cada participante sobre seu desenvolvimento sexual. Diante do fato de as entrevistas serem feitas em horário de trabalho, algumas perguntas não foram respondidas de forma completa para se obter as informações desejadas, visto que no local da entrevista havia som alto e pessoas conversando.

Assim, quando questionadas sobre aspectos de seu desenvolvimento sexual, obteve-se as seguintes respostas das entrevistadas:

Participante “D” - 24 anos:

[...] a minha opção sexual é que gosto de mulheres, eu sou lésbica. A minha opção sexual veio desde pequeninha, sempre tive muito acesso aos meninos, sempre gostava de me vestir como menino, porque ao redor de mim só tinha meninos, então eu me sentia parte deles e eu fui criada...acho que veio disso minha opção sexual, dessa convivência com eles, com os garotos [...] (2 anos de atuação).

Continua seu relato: *“[...] a minha primeira mulher que eu fiquei foi por conta de um programa com casal, quando eu era bem mais novinha [...]”.*

Participante “A” - 23 anos informa sobre sua sexualidade e sobre os relacionamentos afetivos que desenvolveu:

Então, é assim, eu fui casada por quatro anos, nunca tinha entrado em um bar antes na minha vida (risos), daí levei um “par de chifres” do meu marido [...] Olha, quando eu era casada a minha vida sexual era frustrada, porque no começo foi bom, depois a minha vida virou numa rotina [...]. (1 ano e 2 meses).

Na sequência de seu relato, constata: *“Não, não consigo, mesmo que eu queira, porque às vezes a gente tá em necessidade, mas eu não consigo, sabe, não consigo. [...] Já fiquei com caras lindos, que se fosse em outras épocas eu daria de graça, e agora eles me pagam e eu não consigo sentir prazer [...]”*.

Participante “K” - 25 anos:

Não, no começo ali uns cinco anos de casamento sim, mas aí depois foi desgastando, desgastando, a gente já não se envolvia mais, era bem pouco e daí acabei engravidando da pequeninha. Casei com 15 anos [...]. (5 anos de atuação).

Segundo Bock; Furtado e Teixeira (2001) a escolha do parceiro sexual não é feita de maneira instintiva, como em algumas espécies, porém, tem o item racional, que avalia a escolha. A escolha sexual é feita mais pelo prazer que ela pode oferecer individualmente do que pela necessidade de reprodução da espécie, podemos assim dizer, que o prazer se torna fundamental para a sexualidade humana. Contrapondo a ideia dos autores citados acima, verificou-se na fala das participantes entrevistadas que o prazer não se torna importante para a prática da profissão.

Durante entrevista, a participante “A” relatou manter postura profissional, explicando que mesmo estando em “necessidade” suas relações sexuais não envolvem prazer, seus objetivos são bem claros: *“eu só saio se me pagar, eu divido bem as coisas, eu tenho meus planos, eu sou bem regrada, eu faço economias, não quero ficar aqui na boate pra sempre”*.

Através da perspectiva das pesquisadoras e diante do discurso das participantes, verificou-se que as três entrevistadas vivenciaram frustrações semelhantes em relação à figura masculina, primeiramente tiveram a ausência da figura paterna, e posteriormente no casamento, com a separação. Durante as entrevistas com as participantes, relataram sobre os conflitos vivenciados em seus respectivos casamentos, assim, no relato de “A” seu casamento terminou por ter descoberto uma traição de seu ex-marido. A participante “K” relatou que seu ex-marido a espancava e gastava todo o dinheiro em boates, e a participante “D” relata que foi casada, mas não deu certo, e que fez mais duas tentativas em relacionar-se com homens, mas teve muita frustração e muito desgosto, assim evidenciando que possivelmente de forma

inconsciente a frustração destas mulheres esteja relacionada a escolha da prostituição como profissão.

4.3 A RELAÇÃO ENTRE SEXO E TRABALHO

Aqui buscamos compreender a relação entre sexo e trabalho atribuídos pelas entrevistadas. Assim como citado nos itens anteriores, algumas participantes não responderam às questões de forma clara, visto que as mesmas foram entrevistadas em horário de trabalho e alguns aspectos atrapalharam a entrevista como, o som alto e pessoas conversando.

No início da entrevista a participante “D” (24 anos- 2 anos de atuação) relatou que era gerente da boate e que não estava ali para fazer programa, porém, no decorrer da entrevista, acabou relatando já ter realizado programa e que possuía dois clientes (homens fixos) e mulheres, que vez ou outra a procuram nesta casa de show: *“não vou mentir pra você, tem um ou dois clientes que raramente eu faço programa, porque, eles vêm por causa de mim, entendeu?”* (D - 24 anos - 2 anos de atuação).

Em seu discurso sobre o que a mantém nesta profissão, foi a seguinte:

Eu continuo pelo valor e porque eu criei um vínculo de amizade com a dona e pra ajudar ela e me ajudar também. É mais por vínculo mesmo. Não que eu precise, eu não preciso estar aqui mais, mas eu continuo porque é um lugar que eu me sinto bem e eu gosto e vai ajudar as duas.

D. revela: *“[...] eu não estou aqui por falta de opção”.*

Observou-se que ao mesmo tempo em que relata não precisar mais do emprego na boate, tendo em vista que é formada em pedagogia e possui uma clínica de estética, tem apreço pelo local e pela dona da casa em que trabalha.

A participante “A” (23 anos - 1 ano e 2 meses de atuação) trabalhava em uma empresa da região, porém, o salário não era muito bom, e após o divórcio começaram a surgir algumas dificuldades financeiras, e ao ver algumas amigas com roupas e sapatos de marca, perfumes importados, sempre bem arrumadas e frequentando festas, ficou se questionando como elas conseguiam manter esse padrão e resolveu perguntar: *“Daí eu fui bem cara dura assim e perguntei, daí elas falaram: eu faço programa!”* (“A”).

A partir desse momento uma amiga arrumou um “esquema” para “A” e em questão de dez minutos ela recebeu duzentos reais (R\$200,00) - *“Pra mim aquilo foi um achado, foi*

um achado na hora que eu tava precisando. E então, a partir dali, contatos e mais contatos”. Segundo seu relato, o que a mantém nesta profissão é o dinheiro. A relação que esta participante atribuiu ao seu trabalho foi a seguinte: “[...] eu só saio se me pagar [...]”. “Sim, bem profissional. Porque assim, tem caras lindos que a gente fica, mas tem aqueles que você fecha o olho e só pensa o que vai fazer com aquele dinheiro [...]”.

Calligaris (2006) nos apresenta que uma suposta explicação do porque algumas mulheres ainda recorrem a prostituição, é de que os homens possuem uma necessidade física de sexo, assim algumas mulheres, decidiram oferecer suprir essa necessidade em troca do pagamento. Segundo a autora, esta “relação comercial fica bem estabelecida: um necessita e o outro vende” (p.29). Através do relato desta participante evidenciou-se que, ingressou nesta profissão por necessidades financeiras, estabelecendo assim, uma relação profissional com seus clientes, não permitindo-se sentir prazer no ato sexual ao atuar como profissional do sexo.

A entrevistada “K” ingressou na prostituição por também passar dificuldades financeiras para sustentar os filhos após a separação. “K” casou-se aos 15 anos, o ex-marido a espancava e usava todo o dinheiro para frequentar boates, diante deste fato a entrevistada foi até um bar para saber o que as mulheres que lá trabalhavam faziam, assim, começou a trabalhar como garota de programa em uma boate e lá permaneceu por cinco anos.

Quando perguntado às participantes como percebem sua profissão as respostas foram as seguintes:

Participante “K” - 25 anos: “Não sei te dizer, mas é uma felicidade momentânea, que tipo na hora ali que a gente tá é legal, eu até gosto, o ruim é quando você deita a cabeça no travesseiro. (5 anos de atuação).

Para Biderman (1992, *apud* GUIMARÃES, 2007, p.33) o termo prostituir é definido como: “entregar-se ao uso do sexo para obter dinheiro ou vantagens; desonrar-se, corromper-se”. Diante do exposto pelo autor, percebeu-se que a participante “K” mantém boa relação com a atual profissão, que possivelmente esteja relacionada ao ganho que esta ocupação lhe proporciona, que é financeiro e de uma possível “felicidade momentânea”, porém, relata ter o lado ruim desta ocupação. Diante disso verificou-se que esta participante possivelmente carrega uma culpa pelo que faz, em seu discurso evidenciou-se que provavelmente essa culpa esteja associada aos filhos, que não sabem de sua profissão, relatou não ter contato com os filhos que moram na mesma cidade que ela, pois residem com o pai, o qual a proibiu de visitá-los.

Na sequência a próxima entrevistada relata:

Participante “A” - 23 anos:

Antes eu via como preconceito, antes eu olhava assim e pensava, Bah, porque que não vai arrumar um trabalho, porque que não vai fazer isso, fazer aquilo né, tem tanta maneira e tal, só que é como eu te falei, é um dinheiro rápido, fácil, que você ganha muito dinheiro, e hoje eu não vejo mais com preconceito [...]. (1 ano e 2 meses).

O preconceito é inato, seu desenvolvimento se dá através de conflitos psíquicos e pensamentos estereotipados que distorcem a realidade e que muitas vezes estão ligados a fatos históricos, sendo assim, o preconceito não é igual para todos, não se pode dizer que o preconceito em relação a uma prostituta é o mesmo que se têm em relação a um afrodescendente (PEREIRA & FEIJÓ, 2014). Verificou-se no decorrer da entrevista que a participante “A” tinha um olhar preconceituoso em relação à prostituição relacionando-a como se fosse uma falta de opção, mas ao passar por dificuldades financeiras, vislumbrou a prostituição como uma forma de ganhar dinheiro rápido e fácil, e após iniciar como garota de programa mudou seu conceito em relação a esta profissão, pois, começou a ter convívio com as outras profissionais do sexo, e passou a compreender os motivos porque cada uma escolheu a prostituição como fonte de renda.

Quando questionadas sobre o que as levaram a recorrer à prostituição como fonte de renda e o que as mantém atuando como profissionais do sexo, obteve-se as seguintes respostas das três entrevistadas.

Participante “A”: 23 anos - 1 ano e 2 meses de atuação *“[...] eu tava precisando de dinheiro [...]”*. *“[...] eu vim aqui pra boate pra ver se ia dar certo [...]”*. “Dinheiro”.

Participante “D”: 24 anos - 2 anos de atuação

[...] fui em um final de semana e vi que o salário seria maior, porque a maioria das meninas que estão nessa vida é por causa do dinheiro e não porque gosta né, pelo menos a maioria. E daí como eu vi que eu ganhava muito mais, ganhava o triplo do que ganhava em outros lugares eu continuei. Eu continuo pelo valor [...].

Participante “K”: 25 anos - 5 anos de atuação

Foi a curiosidade, que como meu marido procurava boate, eu queria saber o que tinha lá que ele gastava tudo”. “[...]mulher que trabalha dentro do bar ganha dinheiro, e o que eu precisava né, ganhar dinheiro pra sustentar meus filhos, e acabei vindo trabalhar numa boate[...]. Dinheiro.

Para Biderman (1992, *apud* GUIMARÃES, 2007, p.33) a definição de prostituta é a “mulher que tem relações sexuais para ganhar dinheiro”. Para o mesmo autor o termo prostituir é definido como: “entregar-se ao uso do sexo para obter dinheiro. Sendo assim, evidenciou-se na fala das participantes que o que as levaram a optar pela prostituição como fonte de renda e profissão foi o dinheiro rápido e “fácil” que esta ocupação proporciona. Notou-se também que apesar de uma das participantes relatar ter ingressado na prostituição por curiosidade, há um aspecto em comum entre duas das participantes, que foi a dificuldade financeira enfrentada após a separação conjugal.

Diante dos dados coletados e de todo o percurso, verificou-se nas entrevistas com as três participantes que, outro possível fator influenciador foi a dificuldade financeira, para tal hipótese analisou-se as seguintes falas:

“A”: “[...] *com o salário que eu tinha, não tinha mais condições [...]*”.

“D”: “[...] *o salário seria maior [...]*.”

“K”: “[...] *mulher que trabalha dentro do bar ganha dinheiro, e o que eu precisava né, ganhar dinheiro pra sustentar meus filhos, e acabei vindo trabalhar numa boate [...]*”.

Assim como a falta de dinheiro foi um fator influenciador para iniciarem como profissionais do sexo, quando questionadas sobre o que as mantêm na prostituição, o principal e único fator motivador encontrado na fala das participantes foi o “dinheiro”. Pode-se dizer também, que, no decorrer das análises, não foi encontrado relação do contexto familiar e do desenvolvimento sexual com a escolha da prostituição como profissão e fonte de renda.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, pensou-se que seriam encontradas algumas dificuldades, porém, tais dificuldades foram maiores que o esperado. A principal dificuldade encontrada, foi a de conseguir realizar a entrevista pessoalmente, acredita-se que por telefone, esta opção seria um facilitador para obter as entrevistas.

Apesar das dificuldades encontradas na região em que foi proposta a realização da pesquisa, tornou-se possível realizar as entrevistas no estado de Santa Catarina através de uma indicação.

Mesmo não atingindo a amostra total de seis mulheres apresentada no projeto inicial, concluímos que, os objetivos propostos foram alcançados, visto que no relato das entrevistadas pôde-se perceber que o contexto familiar possivelmente foi um fator influenciador na escolha da prostituição, com destaque a ausência do pai na vida das entrevistadas.

Verificou-se também que a condição socioeconômica pôde ser considerada como influência para a escolha de tal profissão. Já em relação a percepção que as entrevistadas possuem acerca de seu desenvolvimento sexual nesta pesquisa e diante do conteúdo da fala de cada mulher, que em alguns momentos da entrevista não foram claros, este fator não pode ser considerado influenciador na escolha da prostituição como profissão, pois não se permitem sentir prazer no ato sexual com seus clientes, as garotas deixaram claro que há uma separação distinta entre vida pessoal e profissional.

Por fim, a relação que as entrevistadas atribuem na relação entre sexo e trabalho, tem somente uma finalidade, “dinheiro”, pois relatam atuarem como atrizes, mantendo uma postura profissional ao atender seus clientes. Sendo assim, respondendo a pergunta problema da pesquisa, dois possíveis fatores motivadores foram encontrados, a vulnerabilidade familiar que as entrevistadas passaram relacionado à ausência do pai e, que possivelmente acarretou em relacionamentos amorosos frustrados. O segundo possível motivador encontrado no discurso das entrevistas foi o “dinheiro”, entraram para esta profissão por dificuldades na área financeira.

Para trabalhos futuros, propõem-se que, para amenizar as barreiras encontradas na realização desta pesquisa, efetuar as entrevistas ou coleta de dados através do formulário Google forms, pois acredita-se que esta ferramenta facilitará o acesso às participantes, visto que as profissionais do sexo preferem manter o anonimato. Para pesquisas futuras se propõe estudos mais focados na vivência familiar, especificamente em relação à figura paterna e as possíveis consequências da mesma para a vida dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. L. **Os jornais diários da cidade de Cascavel (PR) e seus discursos sobre a prostituição feminina (1976-1990)**. São Leopoldo, Vol.46, N 3, 2010.

BALDIN, N; MUNHOZ, E. M. B. **Snowball (Bola De Neve): Uma Técnica Metodológica Para Pesquisa em Educação Ambiental Comunitária**. Curitiba, 2011. Acesso em 12 de outubro de 2018. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf>.

BIRMAM, J. **Cartografias do feminino**. São Paulo, ed. 34, 1999.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O; TEIXEIRA, L. T. **Psicologias, uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo, ed. Saraiva, 2001.

CALLIGARIS, E. R. **Prostituição: o eterno feminino**. São Paulo, ed. Escuta Ltda, 2006.

CARDOSO, C. F. S. **O trabalho na América Latina colonial**. São Paulo, ed. Ática S.A, 1985.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. **Profissional do sexo**. Brasília, 2002. Acesso em 11 de julho de 2018. Disponível em: <<http://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/519805-profissional-do-sexo>>.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo, ed. Contexto, 2013.

FARIAS, T. M. S; NANTES, E. S; AGUIAR, S. M. **Fases psicosssexuais freudiana**. Campo Mourão, 2015. Acesso em 01 abril de 2018. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>>.

FOCAULT, M. **História da sexualidade 2. O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, ed. Graal Ltda, 1998.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro, ed. Imago, 1996.

GUIMARÃES, R. M. **Prostituição: patologia, trabalho ou prazer? O discurso de mulheres prostitutas**. Ribeirão Preto, 2007. Acesso em 10 de setembro de 2018. Disponível em: <<http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-138122/prostituicao--patologia-trabalho- prazer-o-discurso-de-mulheres-prostitutas>>.

KAMPER, D. **O trabalho como vida**. São Paulo, ed. Annablume, 1998.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo, ed. BomTempo, livro 1, 1867.

MASTROIANNI, F. C. **Psicologia Forense: Introdução ao estudo da psicologia aplicada ao direito**. São Paulo, 2013.

MÉIA, C. P. D; RIVA, F. **Expressões da sexualidade feminina no transtorno de personalidade borderline**. Rio Grande do Sul, 2015. Acesso em 06 de maio de 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000100009>.

MOLINA, A. M. R; KODATO, S. **Trajetória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes**. São Paulo, 2005. Acesso em 18 de outubro de 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000100003>.

PEREIRA, J. B; FEIJÓ, M. E. V. **Prostituição e preconceito: uma análise do projeto de lei Gabriela Leite e a violação da dignidade da pessoa humana**. Maceió, 2014.